

AS ARTES PLÁSTICAS E O DEFICIENTE VISUAL IDOSO

THE PLASTIC ARTS AND THE VISUAL DEFICIENT AGED

Maria da Paz Silva Sousa¹
Josefa Lídia Costa Pereira²
Maria da Piedade Resende da Costa^{3 1}

RESUMO: Neste trabalho analisa-se a aplicação das artes plásticas para deficientes visuais na terceira idade. Buscou-se desenvolver nos cegos idosos a sua percepção e imaginação através de formas artísticas que possam ser admiradas e observadas através do tato. Enfatizou-se a capacidade produtiva do cego idoso, ressaltando-se a necessidade de mudanças sociais, políticas e educacionais que gerem um envelhecimento sadio, autônomo, ativo e integrado na sociedade. Participaram deste estudo três cegos de terceira idade, sendo um do sexo masculino e dois do sexo feminino, que desenvolviam suas atividades em casa, na igreja, na comunidade, onde viviam, com determinação, portanto, estão inclusos na sociedade, atuando de diferentes formas, mesmo com as limitações advindas da cegueira e da idade. Os resultados mostraram que o potencial criador desses indivíduos encontra-se bastante ativo o que possibilitou um desempenho favorável durante a oficina de artes plásticas. O produto mostrou que os deficientes visuais idosos se preocuparam com elementos como a estética, a orientação espacial, a expansão dos sentimentos, a valorização e transformação criativa de recursos existentes no meio ambiente, o manuseio de diferentes meios de interferência e suportes (tintas, barbantes, barro, cola, cartolinas, dentre outros) e desenvolvimento da criatividade.

PALAVRAS – CHAVE: Educação Especial, deficiência visual, terceira idade, artes plásticas.

ABSTRACT: In this work the application of the plastic arts is analyzed for visual deficient in the third age. It was looked for to develop in the aged blind her perception and imagination through artistic forms that they can be admired and observed through the touch. The aged blind man's working power was emphasized, being emphasized the need of social changes, politics and education that they generate an aging healthy, autonomous, asset and integrated in the society. They participated in this study three blind of third age, being a male one and two female, that they developed their activities home, in the church, in the community, where they

¹ Especialista em Educação Especial – Projeto Prata da Casa – Universidade Federal do Maranhão.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos e Docente do Projeto Prata da Casa – Universidade Federal do Maranhão. e-mail jlepereira@hotmail.com

³ Doutora em Psicologia e Professora da Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. e-mail piedade@power.ufscar.br

lived, with determination, therefore, they are included in the society, acting in different ways, even with the limitations result of the blindness and of the age. The results showed that those individuals' creative potential is plenty assets that made possible a favorable acting during the workshop of plastic arts. The product showed that the deficient aged visual worried about elements as the aesthetics, the space orientation, the expansion of the feelings, the valorization and creative transformation of existent resources in the environment, the handling of different interference means and supports (paints, strings, mud, glues, cardboards, among other) and development of the creativity.

WORDS - KEY: Special education, visual deficiency, third age, plastic arts.

INTRODUÇÃO

A história tem apresentado a evolução humana ao longo dos tempos com base em seus modos de vida, seus costumes e sua cultura de modo geral. Em cada período encontram-se características muito peculiares de cada povo. Ao tocante as pessoas com necessidades educacionais especiais Brasil (2000a, p.7) diz que “A história da atenção à pessoa com necessidades educacionais especiais tem se caracterizado pela segregação, acompanhada pela conseqüente e gradativa exclusão, sob diferentes argumentos, dependendo do momento histórico focalizado”(negrito do autor). A compreensão e a forma de agir em relação às pessoas com necessidades educacionais especiais foram diferenciadas ao longo da história por causa dos valores sócio-políticos e culturais. (SILVA, 1987)

No documento da Secretaria de Educação Especial (BRASIL, 2001) aponta que “as antigas concepções sobre a deficiência permearam todos os períodos históricos e ainda se refletem neste final de milênio. Somos constantemente surpreendidos pela percepção de que a deficiência é uma herança maldita, possessão de espíritos, doença incurável, incapacidade generalizada, objeto de maldição ou obra do divino” (p.26). Esta assertiva remete a uma reavaliação do modo como a sociedade atual se relaciona com a diferença e como esta se vê nesse cenário cultural e que proposições são feitas para que os pensamentos estereotipados sejam desfeitos ou banidos das interações sociais.

Dentro dos grupos considerados com necessidades educacionais encontram-se os deficientes visuais, estes podem ser subdivididos em cego e baixa visão. Os cegos são aqueles que apresentam “perda total de visão até a ausência de projeção de luz” e baixa visão são aqueles que necessitam de ampliações de materiais como textos, gravuras, gráficos dentre outros em função de um “comprometimento do funcionamento e ou de erros refracionais comuns” (BRASIL, 2001, p.33)

Maria da Paz Silva Sousa, Josefa Lúcia Costa Pereira, Maria da Piedade Resende da Costa

Vale destacar que outros grupos de pessoas merecem atenção em diferentes modalidades de atendimentos e que apesar de não possuírem nenhuma necessidade educacional especial podem ser alvo de preconceito e marginalização da sociedade em geral. Um grupo que merece destaque é o de idosos, pois este apresenta dificuldades diferenciadas no seu cotidiano e também no âmbito orgânico. Mas nada que os impeçam de ter uma vida saudável, em grupo e produtiva, se respeitadas as suas condições gerais orgânicas.

Tomando-se por base os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2002), cerca de 14,5% da população brasileira é formada de pessoas que possuem algum tipo de deficiência. Em torno de 24,5% da população têm a realização de suas atividades particulares ou sociais total ou parcialmente dificultada ou impedida, em virtude de sua deficiência.

Quando se pensa em uma pessoa com deficiência visual certamente suas diferenças se apresentam mais evidentes em razão de suas próprias limitações e, sua inclusão num mundo onde se venera a beleza, a perfeição, a juventude, a produtividade e o vigor se tornam cada vez mais alvo de interrogações a cerca de suas potencialidades. E quando se levanta a possibilidade de inserir essa pessoa com deficiência visual idosa no mundo das artes, das artes plásticas esta possibilidade se torna mais remota e duvidosa por aqueles que desconhecem o potencial e as surpresas que cada ser humano é capaz de realizar em torno de suas capacidades e habilidades.

É importante frisar que são considerados idosos todos os indivíduos que ultrapassaram os 60 anos de idade. O processo de envelhecer engloba alterações que atinge o funcionamento de vários órgãos, tecidos e sistemas imunes. Percebe-se, no entanto que o envelhecimento traz consigo transformações e alterações nas defesas do organismo, contribuindo dessa forma para o surgimento de inúmeros desconfortos e alterações nos aspectos físico, psíquico, social e principalmente no metabolismo. O que é preciso entender que o idoso não é um ser inerte, sem expectativas em torno dos eventos que o cerca. Ele precisa participar de toda atividade compatível com as suas necessidades.

De acordo com os dados do IBGE de 2004 (apud BOSCOV, 2004, p. 106) pode-se inferir que no futuro não muito distante, aproximadamente em 2050, os idosos alcançarão o patamar de 18% da população correspondendo ao número de crianças e adolescentes na faixa etária do 0 aos 14 anos. Apesar de, ainda ser uma população pouco reconhecida ou em muitos casos, ignorada, em épocas vindouras esse grupo modificará a estrutura sócio-econômica do país.

Silva (2004, p. 4) em seu artigo de título “Um novo olhar sobre o idoso” discorre que:

Maria da Paz Silva Sousa, Josefa Lúcia Costa Pereira, Maria da Piedade Resende da Costa

Estamos vivendo o começo de uma das maiores evoluções sociais da segunda metade do século passado e o alvorecer deste milênio. Um novo olhar sobre o idoso. A compreensão das condições dos idosos começou a preocupar a sociedade que, embora ainda distante de atingir a profundidade desta realidade, acena um futuro de mais respeito e reconhecimento do valor que suas vidas representam (SILVA, 2004, p. 4).

O art. 230 da Constituição Federal prevê que “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem estar, garantindo-lhe o direito a vida”. Outro documento de grande importância é o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003) que faz referências muito importantes a cerca dos direitos da pessoa idosa, tais como:

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003).

O envelhecimento não deve constituir-se num problema ou preocupação, e sim numa busca vitoriosa de que a vida continua seguindo em prol de sonhos e de realizações. Essa fase da vida, assim como as anteriores, precisa ser alicerçada de forma autônoma, ativa, sadia e inclusa no meio onde vive de modo que a vida possa ser vivida de maneira feliz.

Por outro lado, verifica-se que os legisladores conseguiram assegurar os direitos tanto dos idosos quanto das pessoas com deficiência visual, mas a execução dessas leis precisa ser acompanhada no dia a dia humano a fim de que estes possam de fato ter seus direitos resguardados integralmente.

A Constituição também destaca uma atenção especial às pessoas com necessidades especiais, atribuindo competência comum aos diversos membros da federação para proteger estas pessoas. O art. 23 da Constituição Federal dispõe:

Art. 28: É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

[...]

II. Cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência. (BRASIL, 1988)

Essas garantias constitucionais são importantes ferramentas para melhorar a qualidade de vida das pessoas deficientes visuais idosas embora se reconheça que são necessárias mais iniciativas políticas dos governantes em prol dessa causa.

De acordo com o tipo de relação e oportunidade com as variadas formas ou linguagens artísticas um indivíduo pode ser um expectador ou experimentador da arte. Portanto, o acesso a programas culturais, visitas a museus, participação em oficinas de artes, visitas a galerias de arte entre tantos outros pode estimular o olhar artístico presente em cada cidadão.

Amaral (1987, p.2) tentando definir arte se reporta da seguinte maneira:

[...] quando se procura uma definição de arte a controvérsia se estende desde o visitante ocasional das galerias até aos teóricos com graus universitários, onde afirmam que arte é vida... é a expressão dos sentimentos mais íntimos ... é a produção do belo... é a criatividade... é algo que não se define! O que será que as pessoas vêem na arte que não sabem defini-la? E os cegos? (AMARAL, 1987, p.2)

Conforme discorre Lopera (1995), a arte é a representação da beleza, da estética, do certo que se valoriza a cada época. Ao longo dos tempos o homem deixou a marca de sua sensibilidade em diferentes objetos e espaços: em edifícios, em afrescos e telas desenhadas com as cores de cada período, em mármore e bronze esculpidos com as formas de seu perfil de época ou de sua cor, em móveis, vasilhas ou roupas desenhadas com as astúcias de mestres e a beleza retratada nas obras de arte de artistas famosos ou não.

Andrade (1995, p. 13-14) fala a respeito da Arte da seguinte maneira:

A arte, antes de tudo, é comunicação, e tem que se valer de todos os recursos que possam significar uma maior difusão da nossa obra. Quem assegura que só pinta para si mesmo, para satisfazer uma necessidade biológica, está enganado. Se eu pintasse para mim mesmo, não precisaria pegar o pincel. Meio sonhando e deitado na cama, vejo quadros muito melhores do que aqueles que eu posso fazer (ANDRAEDE, 1995, p. 13-14).

A arte comunica de formas diferenciadas, por exemplo, homens primitivos comunicavam-se retratando pinturas nas cavernas, dando a entender o que se passava no seu

Maria da Paz Silva Sousa, Josefa Lúcia Costa Pereira, Maria da Piedade Resende da Costa

cotidiano. O homem moderno produz tecnologia com recursos avançados para satisfazer as suas necessidades do mundo no qual está inserido. No entanto, a relação básica entre o homem e a natureza e dos homens entre si, permanece como condição para a sobrevivência humana, mesmo que de forma diferente da vivida nas cavernas.

Sabe-se que a arte abre possibilidades enormes de aprendizagem para crianças, jovens e idosos, mas para pessoas com necessidades educacionais especiais na área da deficiência visual é mais complexo tendo em vista ser a visão, órgão dominante na apreensão das formas de expressões artísticas, principalmente as artes plásticas. E muitas vezes vencidos pela sensação de fracasso em relação a sua capacidade de perceber as artes plásticas termina direcionando a sua percepção para outras linguagens artísticas como música, teatro, principalmente.

Pedrosa (1989, p. 31) com muita propriedade destaca que:

O olho é o mais ativo instrumento de defesa do gênero dos animais. Discernir o que os cerca já é julgar as possibilidades favoráveis e as adversas, já é o início da definição do amigo ou do inimigo da espécie.

[...]

Os demais órgãos dos sentidos desempenham a mesma função, porém de maneira incomparavelmente menos precisa e bastante mais imperfeita. Somente o olho é capaz de informar a distância, a direção e a forma dos objetos. Basta dizer que todo o conhecimento humano relativo a medidas de grandeza, do micro ou macro (volume, comprimento, área, peso, distância, velocidade, intensidade, luminosidade, cor, etc.) tem sua origem primeira na percepção visual (PEDROSA, 1989, p. 31).

No entanto não se pode descartar a possibilidade de uma pessoa cega exercitar as habilidades na área das artes plásticas porque ela pode utilizar os seus sentidos remanescentes para perceber, investigar, produzir e apreciar.

Quando se trabalha com arte-educação é necessário o educador deter o seu olhar não somente para o produto do seu aluno, mas também para o processo de fazer. Para o aluno cego essa avaliação do processo se torna mais valiosa do que o produto porque ele se desenvolve enquanto constrói e não porque constrói o seu produto artístico.

Diante disto é possível para um deficiente visual, independente de sua idade, fazer de sua vida uma lição, do seu trabalho o seu sustento e de uma atividade se tornar útil no seio de sua família, de sua igreja, de sua sociedade. Portanto, ensinar a arte para os deficientes visuais é uma tarefa que exige dedicação, experimentação, criatividade, paciência confiança no potencial tanto

de quem ensina quanto de quem está aprendendo. A oportunidade para expressar-se artisticamente é um fator de extrema importância para uma pessoa com deficiência visual pois sem esta abertura ela nunca poderá revelar o que sabe, o que pensa, como percebe o mundo que o cerca e as coisas com as quais se relaciona.

É por meio da imaginação criadora que o homem dá sentido a aventura de conhecer algo novo, ainda mais quando se trata de pessoas cegas na terceira idade.

Talvez muitos educadores possam contestar sobre a possibilidade de um cego pintar e se perguntarem: “Será possível um cego pintar?”. Numa tentativa para responder a esta pergunta, apresenta-se um relato citado no documento da Secretaria de Educação Especial do MEC (BRASIL, 2000b, p.41)

O mestre Nasrudin estava sentado à beira de um lago muito grande. O prefeito da cidade passava por ali naquele momento e viu quando Nasrudin jogou um pouco de iogurte nas águas e começou a mexê-las com uma vareta. Perguntou-lhe o que fazia e outro respondeu:

- Estou fazendo iogurte.
- Mas isto é um absurdo – disse o prefeito - é impossível fazer iogurte dessa maneira, água não vira iogurte.
- Já pensou se fosse possível? – respondeu Nasrudin.

A pessoa cega também é um ser lúdico, se emociona, cria, imagina, tem curiosidade para conhecer os fenômenos que os cerca. Por isso as artes plásticas constituem um poderoso recurso de prazer que amplia as possibilidades de interação, de lazer, de comunicação e exploração do ambiente em que vive. Essa linguagem artística para os cegos idosos pode resgatar seus sentimentos de mais valia, de autoconceito, de autoestima que nessa fase da vida podem estar comprometidos em razão das suas próprias dinâmicas de vida. A arte talvez seja um dos maiores recursos a disposição de idosos com deficiência visual, uma vez que ela pode ser produzida de forma descompromissada do certo e do errado, do perfeito e do imperfeito, da aprovação e desaprovação mas sobretudo, apresentando seu caráter lúdico e prazeroso. A respeito destes aspectos Pedrosa ao citar Kandinsky, em sua obra “Da cor à cor inexistente”, pontua:

Deixei meu desenho e entreguei-me aos meus pensamentos, abri a porta do meu atelier e encontrando-me brutalmente defronte de um quadro de uma beleza indescritível e incandescente. Estupefato, parei onde estava, fascinado por esta obra. A pintura não possuía tema, não representava nenhum objeto identificável, era composto unicamente de manchas luminosas de cor. Finalmente me aproximei, e só então foi que vi o que era realmente minha própria tela que estava colocada de lado sobre o cavalete. Uma coisa que ficou então perfeitamente clara: a objetividade, a descrição dos objetos não tinham

nenhum lugar em minhas telas e lhes eram até prejudiciais se as tivesse (KANDINSKY, apud PEDROSA, 1989, p. 124).

Com base nisto pode-se inferir que a pintura está a disposição de todos que desejam experimentá-la. E por que não permitir que um idoso com deficiência visual também represente o seu mundo pela pintura, pela cerâmica, pela dobradura em papel? Porque eles não podem ver como os videntes vêem? Vale lembrar que antes de serem idosos, de serem deficientes visuais são seres humanos e, todo ser humano tem sentimentos, tem emoções, tem desejos de experimentar o novo, mesmo que este novo possa trazer certa carga de medo, de estranheza, mas são sentimentos que podem ser experimentados. Os seus sonhos, as suas emoções, as suas angústias podem ser expressas numa tela, num papel, num pedaço de madeira, numa modelagem em argila ou em qualquer outro meio de interferência e suporte artístico.

A arte revela os modos de pensar e de agir do ser humano. Dá espaços para a criatividade, para a imaginação e para o sentir. Um idoso com deficiência visual precisa usufruir desses espaços, a fim de tornar o seu viver mais prazeroso e significativo. E o cerceamento deste direito constitui uma negligência já que a arte é uma expressão que precisa ser vivida por todos os homens.

Para confirmar a grande importância que a arte tem para uma pessoa cega recorre-se a Oliveira (1998, p. 9) que com clareza diz que “mostrar o mundo da arte a um cego, ao contrário do que se pensa, corre-se o risco de que as palavras em sua dimensão descritiva, sejam reduzidas a frases sem sentido”. Este mesmo autor continua enfatizando que: “Assim como a arte não se restringe a visualidade, tampouco a falta da visão inviabiliza necessariamente o acesso à beleza artística”. Dessa forma, reafirma-se que a arte precisa ser experimentada, apreciada pelas pessoas deficientes visuais idosas, por diferentes meios como galerias, exposições, oficinas entre tantos os outros. Por meio dessas oportunidades eles poderão mostrar o quanto são observadores, ouvintes, perceptivos e inteligentes e com isto poderão acrescentar muito nas suas relações sociais e conhecer a cultura do outro.

Tendo-se em vista a relevância da arte para a pessoa idosa, procurou-se desenvolver um estudo que teve por objetivo analisar a aplicação das artes plásticas, junto aos deficientes visuais da terceira idade, com vistas a sua inclusão social, o resgate da cidadania e a melhoria de sua qualidade de vida.

Método

Escolha da amostra

Participaram da presente pesquisa três pessoas de terceira idade com deficiência visual. Dos três participantes, um era do sexo masculino e dois do sexo feminino. Todos estes participantes foram informados e consentiram em participar deste estudo.

A seleção dos participantes desta pesquisa se deu através de contatos informais com profissionais atuantes na educação especial voltada para deficientes visuais. Ao contatar com os participantes foi apresentado o objetivo da pesquisa o que os interessou bastante, levando-os a aceitar prontamente a participar deste estudo.

Os participantes receberam a denominação de P (Participante) seguida de uma letra minúscula aplicada aleatoriamente da seguinte forma: Pm, Pj e Ps.

Características dos participantes

Os participantes tinham idades 60, 64, e 71 anos. O participante do sexo masculino era o mais novo do grupo. Quanto à formação acadêmica Ps tinha o Magistério com Estudos Adicionais, Pm cursou o Científico (hoje Ensino Médio) e Pj conseguiu cursar apenas o ensino primário. Dos três participantes, apenas Pm continuava trabalhando e os outros dois sobreviviam de suas aposentadorias.

Instrumentos

Para realizar este estudo optou-se por dois instrumentos de análise: entrevista semi-estruturada e aplicação de uma mini-oficina na área de artes plásticas para os participantes.

A entrevista teve por objetivo, obter informações prévias através de depoimentos tornando mais claros e concisos os resultados obtidos na mini-oficina.

A entrevista foi organizada em dois blocos de questões: I – Dados de Identificação dos participantes e II - Dados sobre a relevância das artes plásticas, segundo a opinião dos participantes.

Materiais/Equipamento

Maria da Paz Silva Sousa, Josefa Lídia Costa Pereira, Maria da Piedade Resende da Costa

Para o levantamento das informações foram usados materiais rotineiros (papel sulfite, caneta esferográfica) e fitas k-7 para mini-gravador.

Na coleta de dados foi necessário o uso de um mini-gravador e uma máquina fotográfica

Local e situação da coleta de dados

a) Entrevistas

As entrevistas foram realizadas, individualmente, nas dependências de uma Escola para deficientes visuais no Estado do Maranhão, por ser um espaço freqüentado pelos participantes.

No momento de aplicação da entrevista estavam presentes apenas a pesquisadora e a (o) participante. Os espaços utilizados para as entrevistas ofereciam tranquilidade e não sofreram interferência de ruídos externos que viessem interferir o processo da entrevista.

b) Mini-oficina

Foi disponibilizada uma sala de aula de uma instituição especializada em educação de cegos. Os materiais foram fornecidos pela pesquisadora. A carga horária total finalizou em 40 horas.

Procedimentos para coleta de dados

A coleta de dados foi feita em duas fases distintas, a saber: a) Entrevistas e b) Realização de mini-oficina de artes plásticas.

a) Entrevista

A fase de entrevista corresponde ao estudo preliminar, que ocorreu de acordo com o roteiro previamente elaborado. Esse instrumento objetivou o conhecimento prévio dos participantes bem como o seu interesse ou não sobre a participação da mini-oficina de artes plásticas voltada para os deficientes visuais.

Os dados advindos das entrevistas foram registrados sob forma cursiva e também gravados. Esta precaução tinha a intenção de auxiliar a pesquisadora no momento da análise dos dados. Na aplicação da entrevista foi necessário apenas um encontro com cada participante.

O tempo de cada entrevista variou entre 15 e 25 minutos.

b) Realização da mini-oficina de artes plásticas

Esta mini-oficina foi realizada com o objetivo de demonstrar a relevância das artes plásticas para pessoas deficientes visuais da terceira idade. Teve duração de 40 horas e foram desenvolvidos diferentes conceitos e formas, levando sempre em conta o repertório e as experiências de vida de cada participante.

Procedimentos para análise dos dados

O procedimento para a análise de dados envolveu dois momentos, a saber: a) a organização dos dados obtidos nas entrevistas e b) análise das atividades e das produções realizadas na mini-oficina de arte para idosos deficientes visuais.

Os itens de análise surgiram em decorrência das entrevistas e do resultado da oficina de artes.

A análise dos dados foi realizada tendo como apoio as entrevistas e a realização da mini-oficina de artes feitas com os participantes. Conforme a relevância das respostas destacou-se trechos das falas dos participantes, tendo o cuidado de preservar a fidelidade dos discursos apresentados pelos participantes.

Após este procedimento, as informações passaram a ser analisadas qualitativamente, sendo apresentadas a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados são apresentados em dois momentos, em função das etapas seguidas durante a coleta de dados.

1º Momento: análise das entrevistas com os participantes

Os dados coletados são apresentados de acordo com o roteiro de entrevista aplicado aos participantes.

Percebe-se nas respostas dos três entrevistados que o conceito de artes plásticas não está bem elaborado e o seu entendimento se torna um pouco evasivo, demonstrando dessa forma a inexperiência na área. A Pj não consegue conceituar o termo artes plásticas, mas

Maria da Paz Silva Sousa, Josefa Lídia Costa Pereira, Maria da Piedade Resende da Costa

apresenta um exemplo, que mostra a sua compreensão sobre o assunto: *“Eu tenho um irmão e um filho que trabalham muito com isto. Um é santeiro, trabalha com argila, e o outro faz quadro esculpido na madeira, são muito bonitos”*. (Pj)

As respostas sobre o item visita a galerias de arte e museus, demonstraram que os participantes Pm e Ps já tiveram contato com as artes plásticas ao passo que Pj nunca teve oportunidade de visitar uma exposição de arte. A Ps demonstrou bastante desenvoltura quando acrescentou a sua fala a seguinte expressão: *“Vou ver também Bumba-meu-boi e as pessoas colocam a minha mão para ver melhor”*.(Ps). Pm falou que gosta mais de entalhe e cerâmica.

Com isto pode-se verificar que a arte ainda não adentrou todos os espaços e os grupos sociais tais como: os menos instruídos, os idosos e principalmente os deficientes visuais.

Por outro lado, quando há oportunidade o idoso deficiente visual demonstra uma grande satisfação quando é defrontado com algum tipo de manifestação folclórica ou artística como se percebe claramente na fala de Ps citada anteriormente. Esta fala enfatiza ainda o quanto é importante a pessoa cega perceber com o tato, com a audição e demais sentidos remanescentes. A descrição verbal não é suficiente para transmitir informações onde o ouvir e o tocar se torna supremos no processo de conhecer.

Na questão onde inferia o desejo ou não em participar de uma mini-oficina de artes plásticas, mostrou disposição de todos em participar das atividades.

Ao falarem sobre a rotina de suas vidas, ficou expresso que todas desenvolviam algum tipo de atividade doméstica, religiosa ou profissional. Mostrou também que elas se tornaram cegas em diferentes fases da vida e conseguiram se adaptarem às novas formas de vida e de perceber o mundo.

2º Momento: análise dos trabalhos desenvolvidos durante a oficina de artes

Este momento compreendeu a experiência com atividades de artes plásticas por meio de uma oficina.

Foi observado no transcorrer da oficina e nos produtos finais que os alunos desenvolveram habilidades como:

Noções de estética

A arte dá inúmeras fontes de como reconhecer o que é estética, pois desenvolve a percepção de modo a ordenar e dar sentido a obra executada. Para isto, a pesquisadora procurou antes das aulas orientá-los, levando-os a percorrer o ambiente de trabalho. Houve uma dinâmica de grupo onde o toque foi de muita importância. Os cegos gostavam quando era explicado antecipadamente tudo o que iam explorar através do tato, que não deveria ser de grande extensão, só até onde os braços pudessem alcançar. Sobre estética ressalta Duarte Júnior (1986, p. 58):

Nela o homem apreende o mundo de maneira total, sem mediação, pois na experiência estética suspendemos nossa percepção analítica, racional para sentir mais plenamente o objeto. Sentimos o objeto, e não pensamos nele. No momento desta experiência ocorre como que uma “suspensão” da vida cotidiana, uma quebra nas regras da realidade.

Nos deficientes visuais idosos, isto se expressa, em suas obras, seus sentimentos e sua exploração tátil que é captado na hora de executar seu trabalho, entendendo muito bem o que está certo ou errado, bonito ou feio. Eles querem tudo bem feito, apesar de suas limitações.

Notou-se, de antemão a preocupação com a estética nos três pesquisados deficientes visuais, pois mesmo sem enxergar, Pm, Ps e Pj, eram muitos detalhistas. Todos eles, que já tinham enxergado algum dia, tiveram noção de espaço, estética e cor.

Na primeira aula, por tratar-se de dobradura bi e tridimensional o maior interesse foi de Pm e Pj, que depois de explicado a utilidade do papel na vida do homem, pode utilizá-lo sobre as formas de colagem, mosaico, cartazes e dobraduras. Sob a interferência da pesquisadora o trabalho foi uma surpresa, pois do papel surgiram caixas diversas, apropriadas para porta lápis, porta grampos e até caixinha de presentes.

A arte da dobradura está expressa na relação entre o tato e o psíquico, daí a concentração de quem a executa. Cada dobra do papel transcreve uma nova figura, como barcos, caixas, leques, pássaros e muitas outras formas feitas com bastante paciência.

Atividades envolvendo noções de estética foram executadas pelos participantes em três diferentes modos. Desenvolveram trabalhos com barbante em lata de refrigerante, caixa bidimensional e uma colagem demonstrando um portal da cidade onde moravam.

Viu-se então que o cego sabe e tem preocupação com a estética, reconhece e exige que fique tudo correto, além de estar alerta para a cor e suas combinações. O deficiente visual na

terceira idade é muito alerta e sábio, já que seu espaço na sociedade foi conquistado na base da inclusão e exclusões, acertos e desacertos.

Orientação espacial

São muitas as formas utilizadas para o desenvolvimento da noção de espaço no cego, pois com a ausência da visão, trabalham e aguçam outros sentidos, como o tato, o olfato, audição e cinestésicos. Por meio de estímulos próprios ou com a ajuda de pessoas videntes, o limite que há entre as pessoas deficientes visuais e o objeto no espaço pode ser superado.

Neste contexto, observou-se que, conforme Oliveira (1998, p. 7),

[...] o artista cego está limitado, em primeiro lugar, pela questão do tamanho. Quanto maior for a obra, mais difícil será conceber a sua unidade compositiva. Os detalhes intrincados também são fáceis de tratar com os dedos. Tanto na criação quanto na apreciação de obras de outros artistas, os cegos sentem predileção pela simetria e outras relações formais simples. Por isso, inclinam-se para os estímulos artísticos que reúnem essas condições.

Devido a esta limitação espacial, a pesquisadora teve a preocupação de, ao iniciar cada módulo, procurou ensinar ao deficiente visual onde os materiais a serem utilizados estavam localizados, para um melhor desempenho na hora da execução.

A participante Pj, muito introvertida, à primeira vista, deixou fluir a imaginação contando como o seu irmão gostava de fazer santos de madeira entalhada e como seu filho trabalhava com objetos de gesso, ambos eram muito talentosos, mas ela dizia não ter talento, só que surpreendeu a todos os participantes diante da produção de suas obras.

É como nos diz Fagma (1990, p. 19),

O interesse por arte pode ser criado nas aulas, não sendo necessário que o professor o obrigue a fazer, mas que ele sinta que a arte não possibilita apenas um meio de acesso ao mundo dos sentimentos, mas também a criação, o desenvolvimento, a desenvoltura, o estímulo por coisas novas e o aumento da auto-estima.

Sendo assim o cego na terceira idade tem noção de espaço e aproveita-o muito bem para suas criações.

Expansão de sentimentos

Os cegos são pessoas aparentemente alegres e sempre abertas a aprendizagem e isto foi percebido na oficina. Enquanto fazia suas atividades, Ps com seu riso contagiante, falava de como utilizava a tesoura para cortar as formas geométricas e como achava difícil colar no espaço ao qual era a referência. Notou-se o esforço, mas também a expressão de alegria contagiando a todos contando a sua história de vida e os trabalhos iam sendo executados.

Diante do desenvolvimento de cada trabalho notou-se a expansão dos sentimentos e a comunicação entre os deficientes visuais, o professor e as obras que iam sendo executadas.

Duarte Júnior (1986, p. 67) incentiva a educação do sensível quando explicita que “educar os sentimentos, as emoções, não significa reprimi-los e sim estimulá-los. Conhecer as próprias emoções e ver nelas os fundamentos de nosso próprio ‘eu’ é a tarefa básica da arte-educação”.

Por isso, procurou-se ao longo da oficina aguçar os sentidos remanescentes dos idosos cegos para que houvesse maior expansão de seus sentimentos e fluíssem trabalhos representativos que de fato caracterizassem o perfil de cada participante.

Valorização de recursos existentes no meio ambiente e transformações criativas

Manusear e modelar a argila, cerâmica ou barro é valorizar o instinto primitivo. O manuseio do barro e seu contato despertam no homem a capacidade de criação, resultando num produto representativo.

Foram utilizados nesta mini-oficina restos de barbantes, fitas, botões reciclados, vasilhames plásticos, latas de refrigerantes, resto de tinta e diversos tipos e gramaturas de papéis. Também se utilizou sobras para compor o bi e tridimensional em dobraduras. Estas foram proveitosas e interessantes para todos, assim como o trabalho confeccionado com sobra de canudos e pinturas feitas com o dedo e cola plástica, todos foram de grande valia na oficina.

A criatividade não tem tempo de fluir se não se experimentar o que há na natureza a espera de uma oportunidade de tornar-se bela.

Os materiais recicláveis foram aplicados com sucesso. O resultado está no manuseio e nos trabalhos já concluídos com bastante criatividade, como o chapéu do vaqueiro do folclore maranhense e o portal dos casarões históricos.

Maria da Paz Silva Sousa, Josefa Lídia Costa Pereira, Maria da Piedade Resende da Costa

Manuseio de meios de interferência e de suporte

O manuseio de meios de interferência, proporcionou aos alunos com deficiências visuais na terceira idade recursos de expressão plástica feitas por meio de experiências táteis, já que não podem ser transformados em impressões ópticas, onde eles próprios pudessem admirar e orgulhar-se, mas suas mãos são seus olhos e o uso deles como instrumento deve ser incentivado e aprimorado até que o reconhecimento de seu esforço seja elogiado pelos videntes.

Para o cego obter o melhor efeito plástico em seus trabalhos artísticos é necessário conhecer a textura dos diversos materiais os quais consistem em conjunto de aspecto táteis e visuais, apresentados pela superfície do material trabalhado.

Com a utilização de materiais e técnicas artísticas feitas com o uso da cartolina, papel cartão, lápis colorido, tintas diversas, argila, pincéis, sucatas etc., podem gerar obras criativas que, com certeza, ajudarão bastante os idosos cegos a serem reflexivos e críticos de seus produtos. A pessoa com cegueira tem percepção aguçada, imaginação fluente de idéias as quais interferem nas cores, nos suportes, mostrando que podem superar-se mesmo na terceira idade.

Na aplicação da cartolina dentro da água com tinta para pintura em vidro ou tinta a óleo e querosene, todos acharam muito interessante, mesmo sem ver os trabalhos. Estes foram admirados pelos videntes presentes, já que a produção de cada peça é única.

Quanto às pinturas feitas com tinta guache e a dedo, os alunos fluíram com tintas nos dedos, surgindo belas obras de artes.

Desenvolvimento da criatividade

No desenvolvimento criativo deu-se prioridade aos materiais existentes para uma melhor organização dos participantes, já que se tratava de deficientes visuais. Sabe-se que criar é perceber formas visuais, que implicam trabalhar freqüentemente com as relações entre os elementos que as compõe, como a argila, o papel e a água, a tinta, fitas, composições com EVA, canudos, palitos, pazinhas de sorvetes etc., os quais depois de prontos são chamados de artes plásticas.

Nessa linguagem que inclui criatividade e estética, cor, desenho etc., Pontual (1969, p.24) afirma que:

Maria da Paz Silva Sousa, Josefa Lídia Costa Pereira, Maria da Piedade Resende da Costa

O desenho a pintura, a gravura, a escultura, o entalho, a ourivesaria, a tapeçaria, a caricatura, o desenho, os trabalhos feitos com sucatas, todos eles [como diz o autor] estão ligados entre si, pelas artes plásticas e a criatividade, como a arquitetura, o desenho industrial, fotografia, programação visual, cenografia, etc. [...]

Diante disto pergunta-se como um cego, na terceira idade, pode ter criatividade em artes plásticas? O participante Pm pode ser exemplo de que isto é possível, já que ele pinta quadros medindo cada espaço com suas mãos e dando códigos a cada parte já pintada, que depois de pronto reconhece-se uma bela obra modernista. Trabalhos feitos com cola plástica colocados aleatoriamente, sem compromisso de cor ou forma, dando aspecto de alto relevo quando seca.

Várias técnicas foram utilizadas, dentre as quais a do sopro em canudo de plástico sobre cartolina, cujo efeito ficou um pouco em relevo.

Perguntando-se a Ps como ela enrola barbante em vasos de cerâmica e latas de refrigerante, ela falou: “ _ *É muito fácil, é só colocar cola apropriada e ter o cuidado que sai tudo certinho, depois a gente pinta e fica essa beleza*”.

Sendo assim, os problemas foram vencidos, mas se percebeu que mesmo sem um conhecimento sistematizado sobre as implicações acarretadas pela falta que a visão faz, eles conseguem adaptar-se aos conteúdos das aulas de modo que criaram suas formas da melhor maneira possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostraram que, o estudo foi relevante por vários motivos, dentre os quais, o respeito sobre as limitações de cada participante diante do desafio de criar algo novo. A maior dificuldade ficou por conta de alguns aspectos da linguagem plástica que exigia naturalmente visualidade, impossível para a clientela.

Como a receptividade foi muito grande, comentou-se que oficinas e projetos como este deveriam encontrar mais apoio em políticas voltadas para os deficientes visuais idosos, porque potencial eles têm, o que falta são mais ações voltadas para esse grupo de indivíduos.

Esse tipo de atividade favorece a qualidade de vida dessas pessoas, onde dúvidas e

alegrias andam juntas com opções diversas, esperanças e medos propiciados não só pela cegueira, mas também pela idade também se manifestam. É muito importante que se favoreça um envelhecimento saudável, satisfatório e uma vida onde as atividades físicas, psíquicas e culturais sejam incluídas com respeito e dignidade.

No processo criador é importante que sejam valorizados os recursos pessoais, as habilidades, as pesquisas de materiais alternativos e recicláveis (já que a arte é descompromissada de elementos corretos ou incorretos) e a imaginação. É como explica os Duarte Júnior (1986, p.76):

- A arte permite dirigir nossa atenção aos sentimentos mais profundos;
- A arte mantém acesa a imaginação e a utopia.
- A arte não significa apenas a inclusão social de quem cria, mas a construção de um sentimento pessoal para a vida de cada um que a produz.

Diante dessa afirmação, constatou-se que o papel do pesquisador foi importante para que os alunos aprendessem a fazer arte e a gostar dela, seja em que idade for e em que circunstância ele se encontre, pois se sabe que, com o avanço da ciência e da tecnologia, trabalhando-se as potencialidades da pessoa deficiente, construir-se-á uma sociedade e um Estado mais justo e solidário para todos.

Enfim, este trabalho veio enfatizar o que o artigo XXVII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, § 1º que defende: “Todo homem tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, fluir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios”.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, José Luís. *Artes plásticas, significação e contexto*. Porto Alegre, RS: Ed. Terê, 1987.
- ANDRADE, José Manuel Pita. *Pintura I*. [s.l.]: Ed. Del-Prado, 1995.
- BOSCOV, Isabela. *Para ficar de cabelos brancos*. Veja, p. 106-107, 15 set. 2004.
- BRASIL. Constituição. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Saraiva, 1888.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Projeto Escola Viva - *Garantindo o acesso e permanência de todos: os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais Especiais*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, v.1, 2000a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000b.

BRASIL, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. *Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental – Deficiência Visual*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, v.1, 2001. (série atualidades pedagógicas)

BRASIL, Ministério da Saúde. *Estatuto do idoso*. Brasília. 2003

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. *Porque arte-educação?* Campinas, SP: Papyrus, 1986.

FAGMA, Eiji. *Plástica – Educação artística*. [s.l.]: Ed. Pedagógicas, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. [*Estatística e censo demográfico*]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2 fev. 2005.

LOPERA, José Manuel Álvares. *História Geral da Arte: Pintura I*. [s.l.]: Ed. Prado, 1995.

OLIVEIRA, J. V. G. *Arte e visualidade: a gestão da cegueira*. IBCENTRO [do Instituto Benjamin Constant], Rio de Janeiro, ano 4, n. 10, set. 1998.

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Brasília: Ed. UnB, 1989.

PONTUAL, R. *Dicionário de Artes Plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1969.

SILVA, José Carlos Sousa. *Estatuto do Idoso*. O Estado do Maranhão, São Luís, 4 jan. 2004.

SILVA, O. M. *A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história*. São Paulo: CEDAS, 1987.